

Karen Lucia Martinez

**Ciência Sem Fronteiras na UFSC:
A Mobilidade Estudantil Em Perspectiva Sociológica**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais,
Centro de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Santa Catarina, para obtenção do título
de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcia da
Silva Mazon

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martinez, Karen Lucia

Ciência Sem Fronteiras na UFSC: : A mobilidade
estudantil em perspectiva sociológica / Karen Lucia
Martinez ; orientadora, Marcia da Silva Mazon -
Florianópolis, SC, 2015.

79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Mobilidade. 3. Ciência Sem
Fronteiras. 4. Ensino Superior. I. Mazon, Marcia da Silva.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

Karen Lucia Martinez

**CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA UFSC: A MOBILIDADE
ESTUDANTIL EM PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada”, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 17 de julho de 2015.

Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Marcia da Silva Mazon, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Maria Soledad Etcheverry Orchard, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Laura Senna Ferreira, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado ao meu pai,
Luiz Antônio Zarelli Martinez, aquele
que sempre incentivou suas filhas na
conquista de uma graduação no ensino
superior.

AGRADECIMENTOS

Depois de uma longa caminhada, pulando de curso em curso, gostaria, primeiramente, de agradecer aos meus pais e minhas irmãs por terem confiado em mim para que eu novamente tentasse um curso superior.

É extremamente cansativo e atribulado quando não sabemos em qual lugar gostaríamos de ter nosso espaço e, o que fazer profissionalmente de nossas vidas. Algumas pessoas demoram muito para saber o que realmente querem fazer.

Muitas pessoas me perguntavam: imagine você daqui dez anos, o que estará fazendo? É de total compreensão uma pessoa que sempre soube o que fazer da vida dela ter essa pergunta em sua mente, pois ela sabe a resposta claramente.

Todavia, estou aqui principalmente para agradecer a minha querida orientadora, Prof.^a Dr.^a Marcia da Silva Maison, a qual me acolheu no Núcleo de Sociologia Econômica (NUSEC) desde quando estava na quarta fase de ciências sociais, me ajudando a escolher um objeto de estudo, a organizar as minhas ideias e melhorar a minha escrita.

É uma grande sorte um acadêmico encontrar uma orientadora que realmente o oriente, que senta, conversa, rabisca seu rascunho de TCL, te apresenta outros autores, e principalmente, que te ajuda a escrever.

Gostaria igualmente, em agradecer a Prof.^a Dr.^a Marisol (Maria Soledad) e a Prof.^a Dr.^a Laura Senna Ferreira, por se disponibilizarem de seus afazeres para ler e debater meu TCL. Do mesmo modo, gostaria de agradecer de uma forma especial a professora Marisol, a qual me auxiliou desde o começo me orientando na confecção de um projeto de pesquisa. Bem como a professora Marcia Mazon, a professora Marisol é uma professora que senta e, literalmente, rabisca as produções dos alunos ensinando-os a escrever e se expressar em seus trabalhos de uma forma clara.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o Programa Ciência Sem Fronteiras – CsF – e sua implementação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – no *campus* da Trindade. O estudo tem como objetivo verificar o gerenciamento deste programa analisando como efetuam a validação de disciplinas, tradução dos históricos escolares, a seleção dos alunos, e a comunicação entre os departamentos de ensino da UFSC e Secretaria de Relações Internacionais – SINTER – com relação ao CsF. Partimos do referencial de Pierre Bourdieu para pensar o CsF como um campo em construção e analisar quais as estratégias em jogo. Esta pesquisa pretendeu descrever e avaliar a implementação deste programa através dos atores envolvidos no CsF neste *campus*. Com este intuito, foram realizadas dez entrevistas com os coordenadores dos cursos de graduação. A análise das entrevistas mostra que mesmo o programa CsF sendo uma oportunidade única, existe a necessidade de maior organização, principalmente interna às universidades brasileiras que enviam alunos para universidades no exterior. Os desafios citados pelos coordenadores vão desde a falta de conhecimento de quantos de seus alunos praticam ou praticaram essa mobilidade até as limitações jurídicas para o procedimento de validação, mesmo que ela não surja como questão chave.

Palavras-chave: Mobilidade, Ciência Sem Fronteiras, Ensino Superior

ABSTRACT

The present work has as object of study the Program Science Without Borders – CsF – and its implementation at University Federal of Santa Catarina – UFSC – into Trindade *campus*. The study has as objective to verify the program management analyzing how it is performed the following procedures, validation translate of history school, student selection, and communication between undergraduate departments and the Office of International Affairs – SINTER – related to CsF. We started with Pierre Bourdieu's referential to think about the CsF as a field under construction and analyze which are the strategies into play. This research intended to describe and evaluate the implementation of this program through social actors involved with this activity on the *campus*. With this intention, ten interviews were performed with the undergraduate coordinators. The interviews analysis showed that even the CsF program being a unique opportunity, the program needs a better organization, especially internal, at the Brazilian universities that send students to universities abroad. The challenges cited by the coordinators range from the lack of knowledge about how many students practice or have practiced this mobility to the legal limitations for the validation procedure, even if it does not emerge as key issue.

Keywords: Mobility, Science Without Borders, Higher Education.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 – Distribuição Totais das Bolsas por Modalidades.....	44
Gráfico 2 – Distribuição das Bolsas em Santa Catarina.....	45
Gráfico 3 – Distribuição de Bolsas por Áreas Prioritárias.....	47
Gráfico 4 – Distribuição de Bolsas por Áreas Prioritárias na USFC....	48
Gráfico 5 – Distribuição de Bolsas por País de Destino na UFSC.....	49
Gráfico 6 – Distribuição de Bolsas por Gênero na UFSC.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistas com os Coordenadores da UFSC	32
Quadro 2 – Metas do programa CsF até 2015	43
Quadro 3 – Valores das Mensalidades.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCL – Trabalho de Conclusão de Licenciatura
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
CsF – Ciência Sem Fronteiras
CCS – Centro de Ciência da Saúde
CTC – Centro Tecnológico
SINTER – Secretaria de Relações Internacionais
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
P&D – Pesquisa e Desenvolvimento
MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
MEC – Ministério da Educação
CRUP – Conselho dos Reitores das Universidades Portuguesas
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
CE – Comunidade Europeia
ERASMUS – European Action Scheme for the Mobility of University Students
COMETT – Community Action Programme in Education and Training for Technology
TEMPUS – The Trans-European Mobility Scheme for Universities
ECTS – European Community Course Credit Transfer System
FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos
CNI – Confederação Nacional da Indústria
ABDIB – Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base
MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
CRUB – Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
JUDESC – Junta Comercial do Estado de Santa Catarina
IsF – Inglês Sem Fronteiras

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	22
1.2 OBJETIVOS.....	24
1.2.1 Objetivo Geral.....	24
1.2.2 Objetivos Específicos.....	24
1.3 JUSTIFICATIVA.....	24
1.3.1 Limites e desafios do programa Ciência Sem Fronteiras.....	27
1.4 METODOLOGIA.....	30
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	34
3 MOBILIDADE ESTUDANTIL.....	35
3.1 BREVE HISTÓRICO.....	35
3.2 ALGUNS PROGRAMAS.....	38
3.3 PROCESSO DE BOLONHA.....	39
4. O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS.....	43
4.1 ENTREVISTA COM COORDENADORES.....	50
4.1.1 Comunicação entre os Coordenadores e a SINTER.....	50
4.1.2 Validação das Disciplinas.....	53
4.1.3 Tradução do Histórico Escolar.....	57
4.1.4 Seleção dos Alunos.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
5.1 TRABALHOS FUTUROS.....	63
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICE A – Pesquisa Exploratória.....	69
APÊNDICE B – Pesquisa com os Coordenadores dos Cursos da UFSC.....	75
ANEXO A – <i>Learning Agreement</i>.....	77
ANEXO B – Sistema de Avaliação da UFSC.....	79

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura (TCL) tem como foco investigar, junto aos coordenadores de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – do *campus* Trindade, como ocorre o processo de validação de disciplinas, a tradução dos históricos escolares (a maioria das universidades no exterior pede que os históricos escolares sejam traduzidos no idioma correspondente), a seleção dos alunos, como os coordenadores e a Secretária de Relações Internacionais (SINTER) sistematizam esses assuntos, tão bem como as percepções que estes coordenadores têm com relação ao programa Ciência Sem Fronteiras (CsF).

Esse programa foi criado pelo decreto lei nº 7642, de 13 de novembro de 2011. De acordo com o Art. 1º “Fica instituído o Programa Ciência Sem Fronteiras, com o objetivo de propiciar a formação e a capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias” (BRASIL, 2011).

Um programa no Brasil onde alunos de graduação têm a oportunidade de estudar fora do país de origem e assim adquirir experiência e aperfeiçoamento profissional através de novos conhecimentos em suas áreas de atuação. A promessa do programa é de um ambiente inovador em centros de excelência nas áreas científicas e tecnológicas (Baruffaldi; Landoni, 2012). Destaca-se a importância do contato com novas técnicas em suas respectivas áreas de conhecimento para contribuir com o avanço da ciência no Brasil. Entretanto, o programa CsF é alvo de críticas, uma delas é a não participação dos alunos de todos os extratos sociais. Em uma pesquisa exploratória com alunos da UFSC (MARTINEZ, 2014), verifiquei que a maioria dos alunos que participaram do programa já possuía um segundo idioma. Igualmente, verifiquei que a maioria dos alunos, antes do CsF, já haviam visitado ou morado em outros países. O fator segundo idioma, pelo material disponível sobre o tema ainda é um assunto em aberto. A validação das disciplinas estudadas fora é outro ponto a ser discutido. Muitos alunos entrevistados não sabiam ainda o que fazer com as disciplinas cursadas no exterior.

A expressão “turismo sem fronteiras”¹ mencionada em matéria do jornal Folha de São Paulo mostra esta preocupação. Desde 2011, quando o programa foi instituído, até final de 2014, os dados deste programa são incipientes tão bem como a análise de resultados deste programa em relação à contribuição efetiva para o aprimoramento dos alunos.

O programa CsF² tem a intenção de proporcionar mobilidade internacional para o desenvolvimento individual de cada agente, com a finalidade de aperfeiçoar a capacidade científica brasileira. Em contrapartida revistas como Veja, Isto É, Exame, Cidadania & Cultura, jornal como Folha de São Paulo e, artigos científicos como de Castro et al. (2012), Baruffaldi e Landoni (2012), Teichler (2014) entre alguns citados nesse projeto, trazem reflexões sobre como o programa está se direcionando, ou melhor, em como os alunos acessam este programa enquanto atores maximizadores de suas oportunidades.

Indo contra esta interpretação próxima de economia neoclássica, esta pesquisa pretende contribuir com uma reflexão sobre a participação dos alunos e coordenadores de graduação da UFSC no CsF enquanto uma construção social. Nesta perspectiva, autores como Bourdieu (2005^a) pensam os diferentes campos como povoados por atores que se posicionam conforme seus diferentes capitais. A posição de cada ator social constitui os campos assim como suas motivações e interesses são constituídos e redefinidos no curso da própria ação. Neste sentido explorar os significados atribuídos pelos coordenadores a esta participação no CsF numa visão sociológica, poderia nos auxiliar na compreensão dos desafios do processo de validação de disciplinas.

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Em uma pesquisa exploratória sobre as perspectivas dos alunos da UFSC frente ao CsF, foi enviado via *Google Docs* um

¹Disponível em: <http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/2014/01/1402362-ciencia-sem-fronteiras-preve-215-mil-bolsas-para-pos-no-exterior-em-2014.shtml>. Acesso em: 25 mar. 2014).

²Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos> Acesso em: 23 de mar. 2014).

questionário aos alunos de graduação que participaram do CsF desta universidade. A lista de alunos que participariam da pesquisa foi elaborada através de uma procura dos grupos do CsF na rede social *Facebook*³. Nesses grupos o questionário foi enviado e um total de quinze alunos, graduandos, responderam às perguntas.

Nesta pesquisa exploratória foi possível observar com destaque a questão da validação das disciplinas cursadas fora do país. O fato da dificuldade na validação das disciplinas apresentou-se como fator relevante a ser explorado. O tema aparece como fonte de preocupação nos discursos dos alunos, os quais participaram da pesquisa exploratória.

O desafio desta pesquisa é o de explorar as possibilidades de aprimoramento da análise das competências adquiridas pelos alunos. É relevante para as universidades brasileiras o reconhecimento das disciplinas cursadas no exterior e que elas constituam o histórico escolar dos alunos? Como se dá a costura do acordo entre o Ministério da Educação e as Universidades com relação a este quesito? Nossa hipótese é de que o significado do CsF para as universidades brasileiras se constrói ao longo do processo e é fruto de embates.

Bourdieu descreve que o campo designa um espaço autônomo dotados de suas leis próprias, como um microcosmo, onde mesmo que o microcosmo seja dotado de suas leis próprias, ele será subjugado às leis do macrocosmo. “Os campos são lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas” (BOURDIEU, 1997:27). No sentido que o campo científico se comporta pelas relações de dominação e força e, na prática econômica, esta inserida no papel disciplinar do mercado, ou seja, *aos indivíduos estando obrigados a submeter suas escolhas a lógica da maximização dos lucros, sob pena de serem eliminados* (BOURDIEU, 2005:28).

O esforço deste TCL é no sentido de questionar a ideia do ator econômico racional com preferências dadas. Argumentamos que a decisão, motivação e mobilização no sentido de uma

³Os grupos ao qual me inseri sobre o CsF dos alunos da UFSC no *Facebook* foram: CsF EUA 143/2013; Design; Eng. de Produção; Civil da UFSC, Biologia; Eng. Aeroespacial; EQA – Eng. Química e Eng. de Alimentos; Eng. Automotiva; Eng. Naval.

experiência no exterior é parte de uma construção social de novos mercados de trabalhos e se constitui dentro de um coletivo. Estas escolhas refletem e reforçam relações de pertencimento.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo deste TCL é analisar os procedimentos das universidades brasileiras, tendo como estudo de caso os coordenadores da UFSC do *campus* da Trindade, com relação ao reconhecimento das disciplinas cursadas no exterior durante a experiência dos alunos no CsF, o procedimento na tradução dos históricos escolares, a percepção dos coordenadores na seleção dos alunos e, igualmente, o diálogo entre os coordenadores e a SINTER.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar os coordenadores de graduação dos cursos da UFSC, e verificar a sua avaliação com relação ao programa CsF.
- Verificar o procedimento para validação das disciplinas cursadas no exterior e de que maneira ele foi constituído.
- Descrever o procedimento para traduzir o histórico escolar.
- Relatar o entendimento dos coordenadores sobre a seleção dos alunos para praticarem essa mobilidade.
- Descrever e avaliar a implementação do programa CsF através dos atores sociais envolvidos com essa atividade no *campus* da UFSC.
- Analisar a relação entre departamentos e SINTER com relação ao CsF.

1.3 JUSTIFICATIVA

O programa CsF traz como promessa ampliar o conhecimento inovador do pessoal das indústrias tecnológicas, atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil.

Existe a proposta de melhoria na formação da mão de obra no Brasil e das perspectivas futuras com a implementação do CsF. Conforme Castro et al (2012) existe uma meta de, ao longo de quatro anos, conceder aproximadamente cem mil bolsas de estudo para alunos de graduação, pós-graduação e técnicos. O programa igualmente possui a meta de atrair pesquisadores do exterior, interessados em trabalhar no Brasil (CASTRO et al., 2012).

Ainda segundo estes autores, o Brasil não enfrenta problemas significativos de fuga de cérebros (*brain drain*). Nesta situação o país perde seus talentos para empresas e universidades estrangeiras. Este vetor de fuga de bons pesquisadores é visto como resultado da falta de investimento do país de origem na educação.

Uma das críticas que costuma ser feita a programas de estudos no exterior é que eles fariam com que o país perdesse seus talentos para universidades e empresas estrangeiras. De fato, para muitos países, os estudos no exterior resultam na emigração de talentos, uma fuga de cérebros que atinge justamente as pessoas nas quais o país mais investiu em termos de educação (Castro et al., 2012:28).

Pesquisas mostram que o número de brasileiros altamente educados os quais decidem morar e trabalhar em outro país é baixo, ou seja, existe baixa evasão de cérebros (*brain drain*). Por outro lado as universidades públicas enfrentam dificuldades em contratar, com condições de trabalho e salários competitivos, brasileiros e estrangeiros de alto nível formados no exterior. À exemplo de China e de Índia, ainda segundo o artigo, o país pode favorecer-se com redes de cooperação e contatos com sua diáspora no exterior (Castro et al., 2012).

Além do *brain drain*, existe também a circulação de cérebros (*brain circulation*). Esse conceito refere-se à mobilidade internacional de pesquisadores motivada pela natureza de sua profissão. Há uma procura de melhores oportunidades e perspectiva de avanço na carreira já que esta experiência internacional amplia conhecimentos e troca de ideias. Esta circulação de cérebros em geral é temporária e possui um valor

global positivo no mercado de trabalho. Há então uma promessa de criação de rede internacional de conhecimento a qual poderia ajudar na transferência de conhecimento entre países (Baruffaldi; Landoni, 2012).

Segundo Baruffaldi e Landoni (2012), o *brain drain* expressa o movimento de profissionais com capacidade de mobilidade internacional como agentes econômicos racionais com preferências dadas que deixam seu país a fim de procurar melhores condições profissionais e econômicas no exterior.

Exemplos de mobilidade de pesquisadores:

- Dentro do contexto da comunidade internacional onde experiência no exterior corresponde à criação e manutenção de redes de conhecimento internacional;
- Quando os pesquisadores se envolvem em programas didáticos, com o resultado da colaboração de atividades para o país de origem.
- Colaboração com a indústria para o país de origem.
- Redes da diáspora cuja significação é manter contatos com os pesquisadores no exterior por meio de ferramentas como as redes sociais concebidas para manter um vínculo com os pesquisadores e instituições do país de origem.

Esse mesmo artigo cita, igualmente, que a mobilidade se insere no setor de investigação, sendo esse setor independente do econômico. Nesta situação a mobilidade promove: acesso ao conhecimento e reconhecimento necessário para prosseguir o avanço da carreira no país de origem; Importância de redes de conhecimento profissional em âmbito internacional, socialização profissional.

Teichler (2004) em sua teoria sobre internacionalização (mobilidade física, transferência de conhecimento acadêmico) defende que a mobilidade é essencial para internacionalização, ampliação do conhecimento e expansão de horizontes. O autor descreve a mobilidade como forma de transferência de conhecimento de uma maneira vertical, cujos vetores da mobilidade, da comunicação internacional e da cooperação acadêmica servem para transferir conhecimento de lugares onde um maior nível de conhecimento existe ou quando alguns conhecimentos especiais foram acumulados para locais de menor nível de conhecimento ou lugares com lacunas de conhecimentos

em determinadas áreas. Na proposta de Teichler (2004), o conhecimento adquirido em países com níveis mais elevados seria adquirido e transposto pelos pesquisadores para o país de origem onde os níveis de conhecimento seriam menores.

1.3.1 Limites e desafios do programa Ciência Sem Fronteiras

Segundo Castro, as instituições do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao longo dos anos, desenvolveram a qualidade de administrar bolsas de pós-graduação no exterior e no Brasil, embora inexistam avaliações independentes e sistemáticas. No programa CsF, alguns desafios persistem: a urgência de avaliações do CsF sistemáticas e independentes; fortalecimento da pesquisa e o desenvolvimento empresarial (P&D), contemplação de alunos do exterior por uma instituição brasileira; perpetuidade do trabalho do aluno tanto intelectual quanto profissional. Os dados ainda são incipientes para uma ponderação com relação aos resultados acadêmicos: conclusão de doutorados; absorção dos estudantes por instituições brasileiras; continuidade do trabalho intelectual e profissional (Castro et al., 2012).

Em 2014 a Folha⁴ realizou uma entrevista com o então Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Clélio Campolina Diniz que defende o programa CsF, porém admite a necessidade de aprimoramento. Ele reconhece a necessidade de aperfeiçoamento, porém - segundo sua visão - a melhor forma de inovar é *learn by doing* (aprender fazendo). Embora admita os riscos de aprender com a experiência pondera que se tudo fosse previamente planejado este projeto dificilmente sairia do papel. Por outro lado ressalta o sucesso do envio de uma quantidade tão grande de alunos para o exterior e seu retorno realimentando criticamente o ambiente universitário brasileiro.

Com relação à aferição dos benefícios do programa o ministro responde ser um desafio, uma metodologia universal

⁴Disponível

em:

<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/04/1445874-falhas-do-ciencia-sem-fronteiras-sao-custo-do-aprendizado-diz-ministro.shtml>

Acesso em: 20 maio 2014.

para todos os alunos e que o esforço está na avaliação quando o aluno retorna para o Brasil.

Em relação ao tema da validação das disciplinas, ele discorre sobre a distância entre o programa curricular das faculdades brasileiras e as faculdades de outros países e propõe valorizar o reconhecimento do que foi feito nas faculdades estrangeiras pela experiência em si. Observa ainda como efeito do CsF que as próprias universidades brasileiras estão passando por uma experiência de reavaliação de seus currículos a luz de currículos de outros países.

Com relação ao preparo das universidades brasileiras com o quesito habilidade em outros idiomas, o Ministro afirma que já há faculdades com o curso de inglês nas pós-graduações, e que essa questão de outro idioma está sendo resolvida de maneira positiva.

Há um investimento político para a aprovação do projeto de Lei nº 2.177-A⁵- Código Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Este código será uma ferramenta para facilitar a ponte entre o sistema acadêmico universitário e o empresarial, a transferência de propriedade intelectual e a flexibilidade do regime de compras. Em março de 2014 o Código Nacional de Ciência Tecnologia e Inovação foi aprovado pela comissão especial da câmara dos deputados e está à espera da análise do plenário. A proposta é melhorar o relacionamento entre as instituições de pesquisa e o setor empresarial para incentivar a criação de ambientes cooperativos de geração de produtos inovadores e pesquisa.

Ainda em relação à questão da validação de disciplinas cursadas em instituições fora do país, Teichler relata que esses problemas estão relacionados com o controle e supervisão dos Estados nacionais, no sentido que nem os Estados e nem as instituições de ensino são neutros em relação aos processos de

⁵ Art. 1º Esta Lei regulamenta os arts. 218 e 219 da Constituição ao instituir o Código de Ciência, Tecnologia e Inovação, com vistas à capacitação e ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento industrial do País. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=B210156D114ABF8F5958B14369708F2D.node1?codteor=926512&filename=Avulso+-PL+2177/2011 Acesso em: 13 nov. 2014.

avaliação. É mister que as disciplinas cursadas no exterior sejam compatíveis ao da instituição no Brasil, caso contrário não há ambiente legal que permita esta validação.

No entanto, este autor mostra que há caminhos para que as disciplinas cursadas no exterior possam equivaler às disciplinas do país de origem. As alternativas apresentadas são: aumento da equivalência entre as disciplinas e medição da qualidade das disciplinas com testes individuais comparativos. Algumas iniciativas como a Declaração de Bolonha⁶ de 1999, que cita a padronização dos programas de estudo da Europa inteira, e a Convenção de Lisboa⁷ de 1997 que sugere o reconhecimento das disciplinas pelo país anfitrião e pela instituição de acolhimento, são exemplos de alternativas para solucionar a questão.

Outro desafio é o já mencionado obstáculo do idioma. Na entrevista exploratória que realizei no ano de 2014 com os alunos da UFSC, dos quinze alunos que responderam o questionário, doze responderam que a qualidade dos cursos de idioma, referente ao idioma inglês, ministrados nas escolas, (tanto públicas quanto privadas) não é suficiente para um bom desempenho na prova de proficiência. Os doze alunos declararam o investimento em um curso de inglês numa instituição privada (a família investiu de seis meses a nove anos no curso de inglês e um dos estudantes fez o curso de alemão). Igualmente três responderam que além de inglês estudaram italiano, francês e espanhol. Quatro alunos disseram que já tiveram experiência no exterior, como por exemplos: três meses nos Estados Unidos; cinco anos em Paris.

Estes dados chamam a atenção para os dados posicionais dos estudantes os quais procuram o CsF: são alunos do extrato médio onde a família já realizou um investimento anterior na formação para um segundo (ou terceiro) idioma para o filho. Permanece então, tanto o componente do capital econômico

⁶Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-n%C3%A3o-Inseridos-nas-Delibera%C3%A7%C3%B5es-da-ONU/declaracao-de-bolonha-1999.html> Acesso em: 14 nov. 2014.

⁷Convenção de Lisboa 1997: http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/63C0CBE0-9500-4C09-8B83-CBF26C046224/5555/Convencao_Lisboa.pdf Acesso em: 02 ago. 2014.

necessário como o capital cultural, o qual elege o idioma como investimento significativo.

No final de 2012, A Folha de São Paulo informou que Portugal é o principal destino dos estudantes de graduação. De um total de 12.193 alunos que estão no programa 20% optam pelas instituições lusitanas. E a resposta para esses dados é a não existência da barreira linguística, já que o país não exigiu exame de proficiência.

O ministro da Educação, no momento, Aloizio Mercadante mudou o tom do discurso destacando a oportunidade para alunos de condição financeira menos favorável. Segundo ele a demanda de alunos é grande e a meta não é o mais importante. O programa veio para incluir alunos com talentos. Para o ministério é considerado meta a oportunidade aos alunos de escolas públicas que tenham pontuação alta no ENEM poderem viajar e aprender outro idioma.

1.4 METODOLOGIA

No ano de 2014 quando decidido que o programa CsF seria meu campo de estudo, foi difícil encontrar tanto artigos que analisassem o CsF quanto encontrar os alunos participantes. Nesse ano em questão a Secretaria de Relações Internacionais (SINTER) da UFSC declarou estado de greve, sendo respondidos apenas e-mails emergenciais ligados a mobilidades dos alunos.

Propusemo-nos então a realizar um questionário sobre a percepção dos alunos do programa CsF como proposta para o TCL. Foi um momento difícil encontrar os e-mails dos alunos com a SINTER em greve, entretanto, me propus a procurá-los pelo *site* do programa CsF e pela *web* em geral. Todavia, pelo programa somente aparecem alguns nomes de alunos e em muitos casos os alunos não usam seus nomes para seus e-mails pessoais.

Diante do fato foram pesquisados grupos na rede social denominada *Facebook* e ainda assim poucos registros foram localizados. Somente após pesquisas em jornais, revistas e alguns artigos, após um refinamento nas palavras-chave utilizadas, foi possível localizar a sigla do programa, que não é grafada toda em letra maiúscula – CSF – e sim com as letras laterais em maiúsculo e a letra central da sigla em minúsculo – CsF.

Foram elaboradas vinte e duas questões semiestruturadas pelo *Google Docs*, onde ocasionou críticas por partes dos alunos

por escreverem demasiadamente, e enviados via formulário aos grupos do CsF/UFSC. Torna-se impossível saber, dos grupos que enviei o formulário, quantos membros há em cada grupo. Nas redes sociais a quantidade de membros muda a cada dia, uns entram e outros saem dos grupos facilmente. Todavia, um total de quinze graduandos, os quais já tinham retornado da sua mobilidade pelo CsF, responderam as vinte e duas questões. Após a leitura e discussão das respostas dos alunos ficou evidente a importância dos coordenadores, pois são eles peças chave na decisão com relação à validação ou não das disciplinas cursadas, tão bem quanto no auxílio da tradução dos históricos escolares.

No ano de 2015, primeiramente, montei um questionário com seis perguntas semiestruturadas para ser enviado aos coordenadores dos cursos participantes do CsF via *Google Docs*, ao qual não obtive nenhuma resposta durante cinco dias. Foi constatado que alguns *sites* dos cursos de graduação da UFSC ainda não haviam atualizado os nomes dos novos coordenadores dos cursos. A dificuldade desta pesquisa foi no sentido de conseguir conversar com os coordenadores dos cursos de graduação da UFSC, com perguntas referentes à validação das disciplinas, a comunicação entre os coordenadores e SINTER, e informações sobre o processo de tradução dos históricos escolares.

A segunda tentativa foi mandar e-mails aos secretários dos cursos, solicitando aos mesmos que encaminhassem ao coordenador (solicitando vinte minutos dos coordenadores para uma entrevista sobre o programa CsF). Foram enviados e-mails aos centros de ensino da UFSC do campus da Trindade: Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Física e Matemática, Comunicação e Expressão e Tecnológico. Dentre esses centros de ensino, dez coordenadores se dispuseram a participar da entrevista.

Quadro 1 – Entrevista com os Coordenadores da UFSC

CENTRO DE ENSINO – UFSC TRINDADE	
Ciência da Saúde (CCS)	Farmácia
	Medicina
Tecnológico (CTC)	Arquitetura e Urbanismo
	Ciências da Computação
	Engenharia de Alimentos
	Engenharia Elétrica
	Engenharia Eletrônica
	Engenharia Mecânica
	Engenharia Química
	Sistemas de Informação

Por um princípio ético de pesquisa, não estará disponível os nomes dos coordenadores (as) e igualmente, o curso ao qual o coordenador faz parte. Somente serão relatados os nomes dos cursos caso tenham alguma particularidade importante para esse trabalho de TCL. O questionário foi construído para abranger indagações com relação ao problema da validação de disciplinas, sobre a gestão do programa CsF e igualmente será útil em uma pesquisa futura com foco nos graduandos da UFSC em meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. A SINTER não participou desta pesquisa, pois os servidores técnicos administrativos aderiram ao movimento nacional de greve neste ano de 2015.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Stromquist (2012) observa que os sistemas de educação superior tem sido os principais atingidos pela globalização. É neste setor a ênfase do discurso da sociedade do conhecimento no século XIX. Ao pensarmos em globalização surge uma primeira ideia de abrangência tecnológica e econômica. O processo nomeado como globalização está pautado no discurso do livre mercado de produtos, capital e serviços sem fronteiras. Segundo a autora, a demanda e o acesso à educação superior foram especialmente intensificados através da iniciativa privada, a qual promoveu a segmentação da educação superior em níveis de qualidade e reconhecimento social, ao mesmo tempo em que preservou a estrutura social desigual. Neste contexto as universidades têm experimentado sua transformação em indústrias globalmente competitivas. Nos países industrializados, o avanço da globalização faz a promoção da competição através de recursos financeiros e da predominância da ciência e da tecnologia. O par ciência e tecnologia podem gerar produtos concretos para o mercado e trazer receitas consideráveis para as universidades. Conseqüentemente, a educação superior torna-se instrumental; os alunos optam por ingressar nas áreas onde há empregos demandados pela economia.

Conforme esta autora, a globalização gerou nos países industrializados uma grande competição por estudantes do exterior. Houve um crescimento de mobilidade estudantil internacional, de 600 mil em 1975 para 2,7 milhões em 2005. A maioria (2,3 milhões) no âmbito da Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁸. Subsiste, igualmente, a concorrência por talentos, fazendo com que os estudantes de pós-graduação (áreas de ciência e tecnologia) obtenham vantagens para continuar no seu país de origem.

Bourdieu descreve que o campo científico “é aquilo sobre o que os concorrentes estão de acordo acerca dos princípios de verificação comuns de validação de teses e de hipóteses, logo sobre o contrato tácito, inseparavelmente político e cognitivo, que funda e rege o trabalho de objetivação”(BOURDIEU, 2004:33), no sentido que nos campos há relações de forças onde provocam tendências imanente e probabilidades objetivas (BOURDIEU,

⁸Disponível em: <http://www.oecd.org/> Acesso em: 10 nov. 2014.

2004). E Bourdieu continua dizendo que seria muito bom se a concorrência no campo científico se desse somente pelo campo científico, porém isso não acontece somente assim, pois existem forças externas que conduzem muitas vezes um ou outro campo científico. Nas duas espécies de capital científico, Bourdieu descreve que o primeiro capital científico é a ocupação de posições importantes nas instituições, como por exemplo, diretor de laboratório, as pessoas que pertencem às comissões de avaliação, etc. O segundo capital científico é um pouco independente do primeiro, pois é um prestígio pessoal. Há também duas espécies de capital científico: o puro “adquire, principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas” (BOURDIEU, 2004:36); e o institucional, que é adquirido pelas estratégias políticas que exigem tempo devido à “participação em comissões, bancas (de teses, de concursos), colóquios mais ou menos convencionais...” (BOURDIEU, 2004:36).

Bourdieu analisa que as disposições econômicas exigidas são endógenas e dependentes de uma história, no sentido de o campo econômico estabelece os meios e os fins de atingi-lo. E os agentes criam o espaço econômico com os seus diferentes recursos, e na estrutura de capital que possui como: capital cultural, capital econômico, capital organizacional, capital tecnológico e capital simbólico (BOURDIEU, 2005).

O programa Ciência Sem Fronteiras é uma tentativa de aproximar o campo científico ao campo econômico pela perspectiva de enviar alunos para o exterior para repensarem os currículos das universidades brasileiras nos cursos prioritários no sentido de tornar as universidades brasileiras mais competitivas.

3 MOBILIDADE ESTUDANTIL

3.1 BREVE HISTÓRICO

A mobilidade durante a Idade Média já tinha como intenção a procura de novas descobertas, novos conhecimentos em diversas partes do continente. Não obstante, ocorria muito fortemente, igualmente, a experiência da viagem em si, no sentido de ser um valor educativo peculiar. Stallivieri (2003) observa que durante a Idade Média os estudantes se deslocavam da Europa Central para França nas universidades em Paris,

Orleans e Montpellier, e igualmente nas universidades italianas em Bolonha, Siena e Pádua. O cunho internacional das universidades era presente desde a Idade Média na criação das primeiras escolas europeias denominadas “universitas”. A composição dessas escolas era feita com estudantes e professores de diversas regiões e países cujo objetivo, dessa constituição internacional, era o conhecimento.

Como o próprio nome diz “universitas”, a universidade constitui-se em um universo cultural, que abriga a universidade e a multiplicidade de visões de mundo, posições filosóficas, tendências científicas e políticas, enfim, diferentes modos de pensar dos seres humanos, oriundos de diferentes partes do planeta (STALLIVIERI, 2003:2).

Souza (2010) relata que durante a época do Brasil colonial, as pessoas que quisessem estudar em alguma universidade tinham que se deslocar para Portugal. Na metrópole existiam escolas de economia, engenharia, medicina, matemática, agricultura e treinamento militar. Nessa época o Brasil comportava somente escolas profissionais em áreas específicas como: medicina, engenharia, economia, matemática e agricultura, e igualmente escolas de treinamento militar com uma composição hierárquica e extremamente rígida. E, as universidades somente começaram suas atividades na primeira metade do século XX no Brasil.

No Brasil em 1827, após a sua independência, as universidades formais foram institucionalizadas com dois cursos de direito, um em Olinda e outro em São Paulo. Por influência das grandes escolas francesa as universidades foram edificadas com um regimento na ênfase na educação superior profissional mais voltado ao ensino do que na pesquisa. (UNESCO, 2002; SOUZA, 2010).

Na década de 80 no Brasil houve a redemocratização e os Estados tiveram suas bases organizadas diferentemente daquilo que eram com a ativação dos sindicatos, as associações dos estudantes renascem e a mídia recupera a sua liberdade de expressão. O Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) é organizado no ano de 1966 defendendo a autonomia nas grades curriculares, autonomia financeira administrativa e alocação de recursos. Nesta mesma década, de acordo com Souza

(2010), houve um crescimento das universidades no Brasil, pela influência das mudanças na área social e econômica, ao qual incentivaram o conhecimento técnico, “importante ferramenta para o crescimento” (SOUZA, 2010:4). Independente do regime militar a intenção era auxiliar no desenvolvimento econômico do país.

Não obstante, outra visão sobre a reforma educacional presente na literatura da época advoga que os sistemas de ensino deveriam: ser dissociados dos setores políticos e econômicos; fomentar a descentralização; redefinir o papel do Estado; eliminar as práticas burocráticas estatais e; encorajar o pensamento crítico (SOUZA, 2010:4).

Segundo Stallivieri (2003), com o fenômeno da globalização das últimas décadas do século XX as universidades tiveram que se reorganizar de acordo com os novos desafios. Desafios tais ao qual instigaram as universidades a modernizarem e a reverem seus conceitos para permitir que seus estudantes tivessem competências profissionais e acadêmicas para interatuar numa sociedade a qual se transmutava rapidamente e que está cada vez mais internacional e multicultural.

A crescente importância do conhecimento e a valorização do capital intelectual dos indivíduos, a revolução da informação e dos meios de comunicação e a responsabilidade na criação e na manutenção do entendimento entre os povos e do espírito de solidariedade com os países menos desenvolvidos passam a ser questões permanentemente discutidas nos fóruns internacionais e foram claramente apresentadas na Conferência Mundial sobre Educação Superior realizada pela UNESCO em Paris, no ano de 1998 (STALLIVIERI, 2003:13).

Esse novo quadro traz como desafio a cooperação internacional, como alternativa para a difusão do ensino, da pesquisa e da extensão.

Segundo a mesma autora, com o escopo de gerar conhecimento, a universidade coopera na grande velocidade das

transformações tecnológicas, para o desenvolvimento dos meios de comunicação e igualmente para a rapidez da circulação de informações. Isso faz com que a população tenha maior acesso ao conhecimento nos lugares mais remotos do globo, produzindo um acelerado processo de internacionalização.

Nas últimas duas décadas, em âmbito científico e tecnológico, houve um amplo processo de internacionalização, onde as universidades competem por espaço (STALLIVIERI, 2003). No sentido de, para a autora, para poder competir de forma igual com as universidades tanto estrangeiras quanto nacionais, se faz necessário internacionalizar. As universidades são impulsionadas a procurar um grau de internacionalização mais elevado, pois novos desafios surgem a cada momento.

Segundo Stallivieri (2003) a globalização do comércio, da economia e dos processos de telecomunicação e produção promoveu um cenário interconectado. Este cenário, com a globalização da ciência, cultura e das tecnologias, demanda aos estudantes universitários um nível de formação e conhecimento muito mais competitivo. Para isto as universidades são chamadas a atender esta demanda preparando melhor seus alunos. Governos, empresas, instituições e pessoas passaram a ter no conhecimento o grande referencial para planejar o seu futuro. Ampliou-se, como consequência, a missão da universidade, instituição que produz e socializa o conhecimento científico, o vetor de expansão, de qualificação e, mesmo, de manutenção de sua atividade primordial. (STALLIVIERI, 2003).

3.2 ALGUNS PROGRAMAS

Na década de 80 surge uma janela de oportunidades para a mobilidade a partir da criação de programas da União Européia. O programa de maior repercussão na Comunidade Européia (CE) com mobilidade em várias áreas é designado Sócrates. Este programa se divide em: *European Action Scheme for the Mobility of University Students* (ERASMUS), o qual responde pela mobilidade entre doze países da Comunidade Européia; o programa *Community Action Programme in Education and Training for Technology* (COMETT), consiste na mobilidade dentro da Comunidade Européia, visando à cooperação entre indústria e universidade; e por fim o programa *The Trans-European Mobility Scheme for Universities* (TEMPUS),

incorpora os países da Europa Central e Leste (STELLIVIERI, 2003). Foram nesses programas de mobilidade que surgiram oportunidades para a criação de inúmeros consórcios de universidades, cujo resultado foi a cooperação multilateral que ocasionou o deslocamento de milhares de estudantes ao ano.

Silva (1996) enumera três propriedades de suma importância nos programas comunitários de apoio à Educação: Investigação, formação e mobilidade acadêmica. Na parte da investigação podemos descrever como uma maneira de fomentar a criação e o desenvolvimento de parcerias e redes nas instituições de ensino de diversos países. Por exemplo, as redes de comunicação entre universidade e empresa do programa COMMTE; e no TEMPUS temos os projetos europeus. Sobre a formação temos a promoção do surgimento e o desenvolvimento de projetos inovadores na União Europeia, que funcionam como valiosa fonte de desenvolvimento para o ensino superior. Por exemplo: o LINGUA e o ERASMUS possuem projetos no âmbito do desenvolvimento curricular, tal como o desenvolvimento dos E.C.T.S. (*European Credit Transfer System*) feito pelo ERASMUS.

Um das estratégias da ação das universidades europeias frente à mobilidade foi o desenvolvimento do ECTS. Ele consiste na administração dos créditos nos diversos sistemas de educação superior. Estratégia essa reforçada pela Declaração de Bolonha, Mensagem de Salamanca e Plano de Ação de Torino, para se tornar um passo importante da ação de cooperação das universidades e não mais somente um apêndice na vida acadêmica (Stallivieri, 2003):

Essa ideia pressupõe as seguintes premissas: a existência da vontade política dos reitores, imbuídas de seu papel diretivo e coordenador; objetivos minimamente consensuais no plano das universidades; uma mentalidade e um conjunto de ações favoráveis a cooperação; a escolha de parceiros e a busca de oportunidades e de recursos que possam dar suporte a cooperação internacional (STALLIVIERI, 2003:23).

3.3 PROCESSO DE BOLONHA

Desde o fim da segunda guerra mundial a Europa está construindo a sua integração e um dos setores estratégicos para sua emancipação é a educação superior. É denominado Processo de Bolonha o movimento de reforma de integração da educação superior na Europa, um conjunto de eventos realizados em Bolonha no ano de 1999, com o desígnio de edificar um espaço europeu de educação superior até o ano de 2010,

[...] cujos objetivos fundamentais encetam, principalmente, para a competitividade do Sistema Europeu de Ensino Superior frente a outras regiões e para a mobilidade e o emprego no espaço Europeu, com vistas a harmonizar os sistemas universitários, currículos acadêmicos, e adotar programas de formação contínua reconhecíveis por todos os Estados membros da União Europeia (AZEVEDO, 2006:1).

Azevedo (2006) lembra que em 1998 ocorreu o primeiro encontro que reuniu os ministros da educação da França, Itália, Alemanha e Reino Unido na universidade de Sorbonne. Deste encontro surgiu o primeiro documento denominado Declaração de Sorbonne. Esta declaração propunha como compromisso fundamental harmonizar a emissão de graus acadêmicos. Inspirado na intenção de Jacques Attali no Relatório da Comissão *Pour un modele européen d'enseignement supérieur* que recomenda a fórmula 3/5/8 no sentido de três anos para a graduação, dois anos para o mestrado e mais três anos para o doutorado (3+2+3).

Esta mesma declaração defendia ainda não ser aceitável uma Europa do emprego sem uma Europa da educação. Seria ainda mais crítico manter um sistema educacional sem uniformizar os cursos e os diplomas em um modelo europeu específico (WIELEVICKI; OLIVEIRA, 2010). Com isso, os vinte e nove ministros europeus da educação se reuniram em 1999 na universidade de Bolonha e assinaram a segunda declaração em Bolonha na qual propuseram os objetivos:

[...] adoção de um sistema convergente de graus acadêmicos entre países, adoção de um sistema de educação

superior em dois ciclos, o estabelecimento e generalização de um sistema de créditos acumuláveis, a promoção de mobilidade acadêmica, a garantia de qualidade e o incremento da dimensão europeia da educação superior (WIELEVICKI; OLIVEIRA, 2010:224).

Em maio de 2001 a Carta de Praga foi selada por trinta e três Estados Europeus e foi aprovado igualmente o conceito de créditos, ou seja, Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos - ECTS já praticado por mais de um milhão de alunos nos programas europeus de intercâmbio ERASMUS e Sócrates na Europa (AZEVEDO, 2006).

O ECTS se baseia na correspondência crédito x tempo. Ex: 1 trimestre = 20 unidades; 1 semestre = 30 unidades e 1 ano = 60 unidades. Pela quantidade de créditos por disciplinas é possível identificar a quantidade de horas que o aluno permaneceu em sala de aula tão bem como os trabalhos extraclasse.

Por exemplo, o ano acadêmico tem aproximadamente 40 semanas, cada aluno frequênta entre 40 e 45 horas de disciplinas por semana [somando] um total de 1600 a 1800 horas por ano. Considerando que um ano acadêmico tem 60 unidades de créditos, um crédito corresponde entre 26 a 30 horas de esforço do estudante (AZEVEDO, 2006:3).

Em 2003 esses mesmos trinta e três Estados Europeus aderiram ao *Communiqué* de Berlim e reafirmaram os princípios de Bolonha e de Praga transformados em meta para o ano de 2010. Além disso, sublinharam como imprescindível um maior envolvimento dos estudantes com os projetos governamentais, acesso à educação superior europeia por parte de estudantes não europeus e igualmente a Área de Pesquisa Europeia em níveis de doutorado (AZEVEDO, 2006).

No ano de 2005 ocorreu a última reunião em Bergen (Noruega). Neste encontro o último documento foi assinado por quarenta e cinco países, ratificando todos esses objetivos descritos acima dando ênfase a três prioridades: reconhecimento

de títulos e créditos cursados, sistema de graus comparáveis e garantia da qualidade.

4 O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

O programa Ciência Sem Fronteiras (CsF) é uma iniciativa do Ministério da Educação (Castro et al.,2012), foi anunciado em 2011 por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Um programa federal, com uma promessa inovadora no Brasil e em processo de aprimoramento.

Castro et al (2012) citam a participação do setor privado. Segundo os autores o setor empresarial irá conceder 26 mil bolsas ao CsF divididas da seguinte forma: Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN) 6,5 mil; Confederação Nacional da Indústria (CNI) 6 mil; Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (ABDIB) e Petrobras, 5 mil cada; Eletrobrás 2,5 mil; Vale, mil; British Gas/BG, 450 bolsas e SAAB, com bolsas gerenciadas pelo CNPq e pela CAPES. De acordo com o MCTI, na primeira etapa do CsF (2011/2014) foram ofertadas 83,2 mil bolsas. A meta é chegar a 101 mil bolsas com as chamadas realizadas em setembro de 2014. A segunda etapa está prevista para 2015. Ela é denominada Ciência Sem Fronteira 2.0, a estimativa é ofertar outras 100 mil bolsas.

Quadro 2 – Metas do Programa CsF previstos até 2015

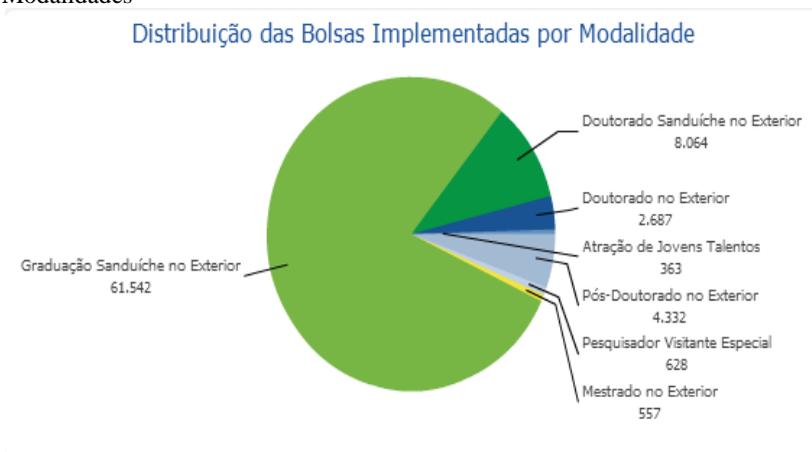
MODALIDADE	Nº DE BOLSAS
Doutorado sanduíche	15.000
Doutorado pleno	4.500
Pós-doutorado	6.440
Graduação sanduíche	64.000
Treinamento de especialistas no exterior	7.060
Atração de jovens talentos (Brasil)	2.000
Pesquisador visitante especial (Brasil)	2.000
TOTAL	101.000

Fonte: Brasil (2011a) / Tabela atualizada em 2013.

São outorgadas bolsas nas instituições de ensino superior exteriores da seguinte maneira, de acordo com o critério estabelecido pelo programa de melhor desempenho acadêmico: Doutorado sanduíche e Pleno, Desenvolvimento Tecnológico e Informação, e Graduação (MAROSINI, BERTINATTI, GOLEMBIEWSKI, 2013).

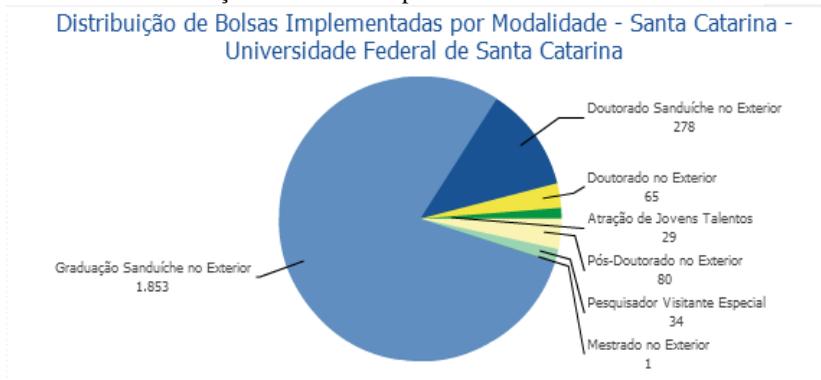
Os gráficos 1 e 2, demonstram os dados levantados pelo programa até março de 2015, onde para graduação sanduíche tem-se um total de 61.542 acadêmicos ao qual praticaram a mobilidade. E, no gráfico 2, demonstram que 1.853 acadêmicos da UFSC praticaram esta mobilidade.

Gráfico 1 - Distribuição Totais das Bolsas Implementadas por Modalidades



Fonte: Brasil (2011b) / Tabela atualizada até março de 2015.

Gráfico 2 – Distribuição das Bolsas Implementadas na UFSC



Fonte: Brasil (2011b) / Tabela atualizada até março de 2015.

Os candidatos aspirantes ao programa devem cumprir os seguintes requisitos: ser brasileiro ou naturalizado; estar matriculado em instituição de ensino superior; classificado com nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com escore mínimo de seiscentos pontos considerando os pontos a partir de 2009; ter concluído no mínimo 20% e no máximo 90% do currículo previsto do curso de graduação, podendo variar conforme o edital, e possuir bom desempenho acadêmico (BRASIL, 2011).

Os benefícios oferecidos pelo CsF são: Mensalidades e Adicional⁹ Localidade, Auxílio Instalação, Auxílio Seguro Saúde, Auxílio Deslocamento e Auxílio Material Didático, sendo pagos trimestralmente mediante depósito no Cartão Bolsista no Exterior. Esses valores sofrem mudanças dependendo do país eleito pelo aluno, a exemplo dos Estados Unidos (EUA) ao qual a bolsa mensalidade possui o valor de 870 (US\$) podendo sofrer um adicional de 400 (US\$) referente à localidade para as cidades de alto custo, como por exemplo, Boston, Nova Iorque e Cambridge (BRASIL, 2014).

Há duas classificações para as bolsas: uma é denominada bolsa concedida a qual classifica o acadêmico como aceito na

⁹ Adicional Localidade: Orientação Normativa n.º.3, de 13 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/OrientNor-m-3-13ago13-CidadesAltoCusto.pdf> Acesso em: 25 jun. 2015.

instituição no exterior, porém não caracteriza que o aluno irá efetivamente fazer a mobilidade pelo CsF, e a outra é denominada como bolsa contemplada quando o acadêmico já recebeu um pagamento para despesas da viagem, e igualmente pagamento do seguro saúde onde caracteriza que o aluno irá praticar a mobilidade pelo CsF (MAROSINI, BERTINATTI, GOLEMBIEWSKI, 2013).

Quadro 3 - Valores das Mensalidades

1. Valores das mensalidades das bolsas no exterior por modalidade e país ou região:

Modalidade	Sigla	EUA *	Zona do Euro **	Reino Unido ***	Canadá	Austrália	Japão	Suécia	Dinamarca	Noruega	Suíça	Europa ****
		Dólar (US\$)	Euro (€)	Libra (£)	CAD (C\$)	AUD (A\$)	Iene (¥)	Coroa Sueca (SEK)	Coroa Dinamarquesa (DKK)	Coroa Norueguesa (NOK)	Franco Suíço (CHF)	USD/Euro (US\$)
Pós-Doutorado	PDE	2.100	2.100	1.700	2.660	3.000	270.700	18.980	15.670	17.050	2.570	2.860
Doutorado Pleno	GDE	1.300	1.300	1.300	1.470	1.650	148.890	11.750	9.700	10.550	1.590	1.770
Doutorado Sanduíche	SWE	1.300	1.300	1.300	1.470	1.650	148.890	11.750	9.700	10.550	1.590	1.770
Mestrado Profissional												
Graduação Sanduíche	SWG	870	870	870	984	1.300	99.640	7.860	6.490	7.060	1.060	1.180

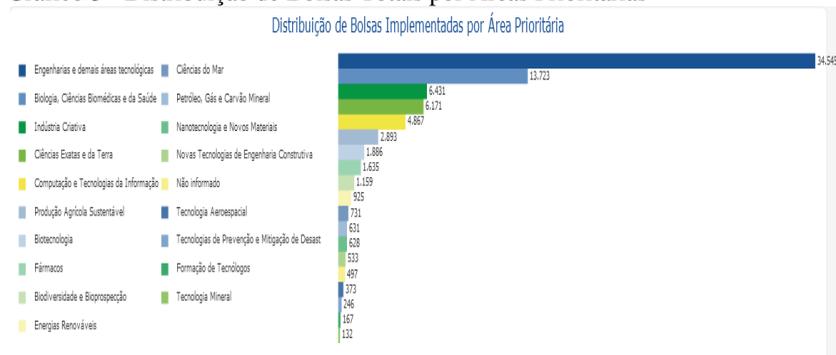
Fonte: Brasil (2011c) / Atualizadas até março de 2013.

Em relação às áreas denominadas pelo CsF como prioritárias estão incluídos os cursos (BRASIL, 2011):

- Engenharias e demais áreas tecnológicas
- Ciências Exatas e da Terra
- Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde
- Computação e Tecnologias da Informação
- Tecnologia Aeroespacial
- Fármacos
- Produção Agrícola Sustentável
- Petróleo, Gás e Carvão Mineral
- Energias Renováveis
- Tecnologia de Prevenção e Mitigação de Desastres

- Biodiversidade e Bioprospecção¹⁰
- Ciências do Mar
- Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação)
- Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva
- Formação de Tecnólogos

Gráfico 3 - Distribuição de Bolsas Totais por Áreas Prioritárias



Fonte: Brasil (2011b) / Atualizado até março de 2015.

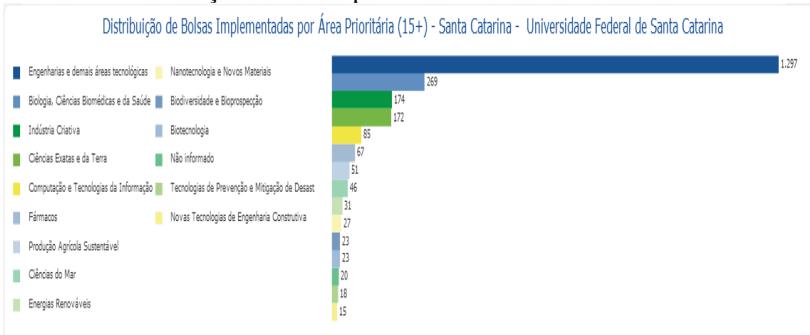
Nos gráficos interativos 3 e 4, extraídos do site do programa CsF, estão demonstrados, respectivamente, a quantidade total dos acadêmicos brasileiros que foram contemplados com bolsas ao exterior, e a quantidade total dos acadêmicos da UFSC que foram contemplados com bolsas ao exterior, onde a área com maior destaque no envio dos acadêmicos na UFSC são os cursos das engenharias.

Até o momento foram concedidas 34.545 bolsas destinadas aos acadêmicos brasileiros das engenharias, 1.297 delas foram implementadas pelos graduandos da UFSC. Aos Alunos dos cursos de Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde foram concedidas, de um total de 13.723 bolsas, 269 bolsas aos

¹⁰Bioprospecção: pode ser definida como a busca sistemática por organismos, genes, enzimas, compostos, processos e pares provenientes de seres vivos em geral (coletivamente chamados de recursos genéticos) que possam, eventualmente, levar ao desenvolvimento de um produto. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2795:catid=28&Itemid=23 Acesso em: 24 jun. 2015.

acadêmicos da UFSC. Em seguida, sob um total de bolsas concedidas para a Indústria Criativa de 6.431 bolsas, Ciências Exatas e da Terra com 6.171 bolsas, foram implementadas bolsas aos acadêmicos da UFSC com um total para a Indústria Criativa de 174 bolsas, e para as Ciências Exatas e da Terra uma quantidade de 172 bolsas. As áreas menos contempladas foram a Biotecnologia com um total de 1.886 bolsas onde 23 bolsas foram concedidas aos acadêmicos de graduação da UFSC, e de um total de 533 bolsas nas áreas da Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva um total de 15 bolsas foram contempladas pelos acadêmicos da UFSC.

Gráfico 4 - Distribuição de Bolsas por Áreas Prioritárias na USFC



Fonte: Brasil (2011b). Atualizado até março de 2015.

Os pré-requisitos para graduandos entrarem na seleção do programa são: estarem regularmente matriculados em curso de nível superior nas áreas prioritárias; não terem sido ainda beneficiados com alguma bolsa sanduíche no exterior financiado pela CAPES e CNPq. Caso os acadêmicos preencham os requisitos do programa sem atingir o nível mínimo de proficiência, eles podem ser favorecidos, a critério do CNPq e da CAPES, com cursos de idiomas presenciais no exterior e curso a distância no Brasil (MAROSINI, BERTINATTI, GOLEMBIEWSKI, 2013).

Dados gerados pelo programa demonstram que até março de 2015 um total de 78.173 bolsas foram implementadas. Na UFSC, até essa mesma data, um total de 2.340 acadêmicos foram contemplados no CsF. Dentre esses, como mostra o gráfico 5, estão identificados 982 acadêmicos do gênero feminino e 1334

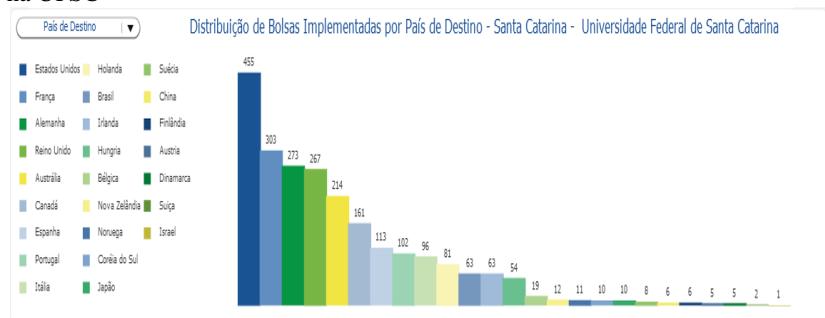
acadêmicos do gênero masculino. O gráfico 6 mostra a distribuição de bolsas implementadas por país de destino na UFSC. Este gráfico destaca que 455 acadêmicos optaram pelos Estados Unidos, seguido de 303 acadêmicos na França, 273 na Alemanha e 267 no Reino Unido. Países com menor quantidade de acadêmicos são: na Bélgica com 19 acadêmicos, Noruega com 11, Japão com 10 e na Dinamarca, Suíça e Israel somente 5 acadêmicos foram a esses países.

Gráfico 5 - Distribuição de Bolsas Implementadas por Gênero na UFSC



Fonte: Brasil (2011b). Atualizado até março de 2015.

Gráfico 6 - Distribuição de Bolsas Implementadas por País de Destino na UFSC



Fonte: Brasil (2011b). Atualizado até março de 2015.

De acordo com Souza e Felipe (2013), as ações como acordos de cooperação e convênios estabelecidos com órgãos e entidades da federação, e igualmente instituições privadas, são avaliadas por um conselho. O conselho é representado por quatro pessoas da iniciativa privada e representantes da Casa Civil da Presidência, MEC, MCTI, Ministério das Relações Exteriores do Desenvolvimento, Ministério da Indústria, Ministério da Fazenda, Ministério do Comércio Exterior, Ministério de Gestão, Ministério de Planejamento, e Ministério de Orçamento. Esses

órgãos têm a função de monitoramento e avaliações constantes do programa com divulgação dos resultados depreendidos pelo programa e a orientação para melhorias no programa.

Fica a cargo dos presidentes do CNPq e da CAPES o processo de concessão das bolsas, apreciação dos projetos e dos méritos dos alunos, tão bem como o desenvolvimento de novas modalidades.

Poderão também criar novas modalidades, caso seja necessário para o sucesso, ao decorrer do programa e divulgar extensivamente o programa e suas opções de intercambio tanto nacional como internacionalmente (SOUZA, FELIPPE, 2013:137).

4.1 ENTREVISTA COM OS COORDENADORES

4.1.1 Comunicação entre os Coordenadores e a SINTER

Como já mencionado, foram realizadas dez entrevistas com os coordenadores dos cursos, da UFSC do *campus* da Trindade dos seguintes cursos: Medicina, Farmácia, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Mecânica, Engenharia Eletrônica, Engenharia Elétrica, Engenharia Química, Engenharia de Alimentos, Ciência da Computação e Sistemas de Informação. No questionário, presente no apêndice B, havia seis perguntas onde duas delas foram focadas para interação dos alunos com os coordenadores na correspondência de disciplinas, e sobre a validação de disciplinas.

É unânime entre os coordenadores dos cursos uma ambivalência: de um lado declaram o programa como muito bom e de outro afirmam a falta organização (não somente por parte do CNPq e CAPES, mas principalmente do *campus* da UFSC). Segundo eles não há transparência entre os coordenadores dos centros de ensino e a SINTER. Principalmente no sentido de não haver uma comunicação informando quantos alunos estão fazendo a mobilidade pelo CsF em seu curso. Em alguns casos o coordenador só fica ciente da mobilidade após retorno do aluno ou da aluna.

Este dado sobre os coordenadores da ausência de gerência na quantidade de alunos contemplados com as bolsas do CsF foi

relatado pelo coordenador de curso de Arquitetura e Urbanismo no primeiro Seminário de Ciência Sem Fronteiras¹¹ da UFSC. O coordenador mencionou que as informações passadas foram que somente oito alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo, neste ano de 2015, serão contemplados com bolsas para o CsF, porém o coordenador está inserido no grupo de Arquitetura e Urbanismo na rede social *Facebook*. Nesse grupo está registrada a informação de que quarenta alunos deste mesmo curso irão fazer mobilidade pelo CsF. O relato do coordenador confirma a falta de organização dificultando o acesso à informações quanto a mobilidade pelo CsF. No sítio da SINTER o acesso ao CsF denominado procedimento para contemplados¹², há um documento informal no qual é requisitado que o acadêmico converse com a coordenação de seu curso para ter conhecimento de algumas exigências e informar ao coordenador sobre a mobilidade.

Diferentemente das argumentações dos coordenadores, no sítio do curso de Sistemas de Informação há uma página¹³ contendo os nomes dos acadêmicos participantes do programa CsF e, igualmente, os acadêmicos que já participaram. O coordenador deste curso afirma que essa é uma medida paliativa e interna do curso para terem um controle sobre os acadêmicos que estão participando deste programa.

Contudo, tanto o coordenador de Sistemas de Informação quanto os outros nove coordenadores entrevistados, declararam que essa medida seria mister se a SINTER, em sua página, fizesse uma lista com os nomes e os cursos dos acadêmicos que praticam e praticaram essa mobilidade. Um coordenador mencionou a sua procura, pela *web* e no sítio do próprio do programa CsF, pelos

¹¹ Primeiro Seminário de Ciência Sem Fronteiras realizado no dia 09 jun. 2015 pela SINTER, efetuado no Centro de Cultura e Eventos da UFSC teve como objetivo promover e compartilhar as experiências dos estudantes de graduação. Disponível em: <http://sinter.ufsc.br/seminario-ciencia-sem-fronteiras-graduacao-ufsc/> Acesso em: 24 jun. 2015.

¹² CsF: Procedimentos para contemplados. Disponível em: <http://sinter.ufsc.br/files/2013/06/Ci%C3%AAncia-sem-Fronteiras-Procedimentos-para-contemplados2.pdf> Acesso em: 25 jun. 2015.

¹³ Página do curso de Sistemas de Informação. Assunto: CsF. Disponível em: <http://sin.inf.ufsc.br/ciencias-sem-fronteiras/> Acesso em: 24 jun. 2015

acadêmicos que participaram desta mobilidade e, mencionou a dificuldade em identificar os acadêmicos deste curso em questão.

Falta de transparência, pois são recursos públicos. Procurei no Google e só tem o número da matrícula do aluno. Procurei em outras universidades e lá existe uma lista com os nomes dos alunos que vão ao CsF (ENTREVISTADO 1, 2015).

No nicho inscrições e resultados para a mobilidade na página do programa CsF é possível observar esta indefinição. No resultado¹⁴ final dos acadêmicos de graduação/chamada para os EUA somente aparece o número do processo e o nome dos candidatos.

Alguns coordenadores argumentaram que existe um documento informal onde eles assinam para que o aluno acesse a mobilidade. O coordenador do curso de química declarou como informal este documento, pois, para ele, o documento teria que estar melhor redigido, e com a assinatura da então reitora. Este documento ao qual o professor se refere denomina-se Sistema de Avaliação da UFSC, conforme o anexo B. Nesta mesma linha de pensamento os coordenadores relataram que todos os alunos que farão alguma mobilidade necessariamente têm que se matricular na disciplina de Intercâmbio, onde alguns cursos têm a disciplina de Intercâmbio I, II, III, e IV. Da mesma forma, mesmo com os alunos matriculados nessas disciplinas, ainda sim, há o empecilho em saber qual mobilidade o aluno foi contemplado.

4.1.2 Validação das disciplinas

De acordo com o Ministério da Educação, sobre a internacionalização, são duas as questões que estão em destaque: a revalidação de títulos, certificados e diplomas por instituições estrangeiras e, igualmente, o reconhecimento dos cursos oferecidos no exterior (MEC, 2002).

¹⁴ Graduação sanduíche no exterior 2014 – Cronograma para início entre Fevereiro de 2015 e Setembro de 2015. Chamada pública programa CsF/EUA. Disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=9991c690-b0ba-4d92-8ed9-e92609474130&groupId=214072 Acesso em: 24 jun. 2015.

Nos parágrafos 1º e 2º da Lei nº 9.394/96, no art. 48 determina que:

2º Os diplomas de graduação expedidos por universidades estrangeiras serão revalidados por universidades públicas que tenham curso do mesmo nível e área ou equivalente, respeitando-se os acordos internacionais de reciprocidade ou equiparação (BRASIL, 1996).

Com relação à pergunta aos coordenadores sobre a tentativa de validação das disciplinas, novamente o discurso é unânime. O relato comum é de que poucos acadêmicos pediram ajuda para selecionarem as disciplinas correspondentes à universidade do exterior. Na parte 5.2 denominada Requisito da Instituição de Ensino do manual¹⁵ da candidatura do programa de graduação sanduíche, designa-se:

II) Firmar Acordo de Adesão ao Programa Ciência Sem Fronteiras, assumindo o compromisso de reconhecimento dos créditos obtidos pelos estudantes na instituição estrangeira, com pleno aproveitamento dos estudos e do respectivo estágio, entendido esse reconhecimento como sendo parte das exigências e do currículo disciplinar de formação dos seus estudantes nos respectivos cursos de graduação no Brasil (BRASIL, 2011)

Conforme o manual da candidatura, após a emissão da carta de aceite pela instituição no exterior, o acadêmico somente fará a matrícula quando estiver no exterior e nas disciplinas que ainda tenham vagas. Os poucos alunos que pedem um auxílio, na maioria das vezes, conseguem validar as disciplinas cursadas no exterior com as disciplinas do currículo do curso. Um coordenador relatou que um aluno contemplado com a bolsa, quando no exterior, prontamente mostrou ao coordenador as

¹⁵ Manual de Candidatura Programa de Graduação Sanduíche. Disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=2786a5fd-93e2-4eff-a069-a2448fc5ed11&groupId=214072 Acesso em: 25 jun. 2015

disciplinas que poderia fazer, para conseguir validar aqui na UFSC. E, em sua chegada ao Brasil, conseguiu validar as sete disciplinas cursadas no exterior.

Os coordenadores argumentaram igualmente que auxiliam os acadêmicos para não pensarem somente na validação das disciplinas, mas sim para procurar disciplinas no exterior que não existam nos currículos dos cursos da UFSC. Afinal, esse é um dos motivos do programa existir, no sentido de enviar alunos para terem conhecimentos inovadores. Do contrário não haveria razões para os alunos fazerem mobilidade caso houvesse correspondência para todas as disciplinas.

Alguns coordenadores relataram que há um esforço para garantir que o aluno consiga de alguma forma validar as disciplinas cursadas no exterior com correspondência e caso não haja correspondência, validá-las como disciplinas optativas. Um coordenador demonstrou interesse e conhecimento pelo sistema ECTS da União Europeia e disse que, pelo conhecimento que possui, entende que é uma medida de certa forma instigante. Todavia, há os acadêmicos que fazem mobilidade em outros países e o sistema de créditos é significativamente diferente do sistema da UFSC. Isto torna a validação mais complexa, porém existe o esforço:

O processo de validação é um tanto complicado porque a escala de notas é diferente, além de olhar o conteúdo. Às vezes vem com cinco créditos, mas não se sabe quantas horas são esses créditos. A escala de notas também é o inverso da nossa, por exemplo, tem instituições que a nota zero é considerada aprovação com louvor. Escalas bem diferentes, acabo tendo que pesquisar para saber converter” (ENTREVISTADO 2, 2015).

Há o documento denominado *Learning Agreement*¹⁶ ou Contrato de Estudos, conforme o anexo A, no qual estarão

¹⁶*Learning Agreement*: é um documento no qual estão listadas as disciplinas que o estudante pretende realizar na instituição estrangeira e que seu coordenador de curso aprovou. Além disso, nele há espaço para a própria instituição estrangeira devesse preencher, comprovando que liberam o aluno para cursar tais disciplinas. Esse documento comprova

listadas as disciplinas que o acadêmico pretende realizar pela mobilidade, e, no caso, que seu coordenador aprovou. Igualmente podendo a universidade acolhida ter um documento próprio ao qual exija o preenchimento. Relembrando que essa não é uma medida pré-estabelecida, o acadêmico a realiza caso julgue necessário.

Um dos coordenadores comentou que há três alunos do exterior, inseridos no Brasil pelo programa CsF; eles já estão matriculados nas disciplinas antes mesmo que o sistema esteja disponível para os alunos do Brasil se matricularem em 2015/2. Questionando o coordenador sobre qual era a sua opinião sobre esse possível privilégio, sua resposta esclarece que da primeira fase à segunda fase do curso há muitas desistências, e a partir da terceira fase é que os acadêmicos realmente ingressam e irão continuar no curso que escolheram.

A partir da quarta e quinta fase as salas de aula começam a ter vagas e são nas fases avançadas que acadêmicos do exterior se matriculam. Portanto para este entrevistado não há privilégios. O coordenador relatou um caso de um menino que foi para o Canadá e não conseguiu se matricular nas disciplinas que queria, pois não foi atendido de uma forma respeitosa. Posteriormente o coordenador responsável no país que o aluno estava “esqueceu” esse aluno e o mesmo decidiu matricular-se em disciplinas de outro curso.

Segundo relato do coordenador o estudante ficou decepcionado e solicitou regresso ao Brasil, porém, não conseguiu por impedimento do próprio programa. O aluno ficou então “turistando”, conforme a fala do coordenador. Exceto por este relato esporádico a maioria dos alunos desejam prorrogar a bolsa e usufruem intensamente a experiência.

Conforme capítulo 11 denominado Desistência da Bolsa no Manual¹⁷ para Bolsistas Graduação Sanduíche:

as disciplinas a serem cursadas e será necessário como comprovante de que a coordenação do curso aprova as disciplinas cursadas no exterior para validação. Disponível em: <http://sinter.ufsc.br/programa-ciencia-sem-fronteiras/perguntas-frequentes/> Acesso em 28 jun. 2015.

¹⁷ Manual para Bolsista Graduação Sanduíche. Disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=0239a94a-c1a8-4505-9d60-d86b7f08f3ad&groupId=214072 Acesso em: 27 jun. 2015.

A desistência do programa sem devida concordância com a CAPES ocasionara a devolução de todo o investimento feito a seu favor. Caso não ocorra a devolução, o ex-bolsista poderá ser incluído na dívida ativa da União, mediante análise da auditoria da CAPES. Serão analisados somente pedidos de desistência ou suspensão das atividades quando justificados, fundamentados e comprovados. Não há garantia de atendimento à solicitação de isenção dos recursos investidos pela CAPES em favor do (a) bolsista. [...] O (a) bolsista poderá retornar ao Brasil somente após a formalização e aceite de sua desistência pela CAPES (BRASIL, 2015).

4.1.3 Tradução dos Históricos Escolares

Outro fator de extrema importância, a qual dificulta o trabalho dos coordenadores no processo de validação, é a tradução dos históricos escolares dos alunos. Nas perguntas frequentes¹⁸ do sítio da SINTER, na parte sobre Históricos Escolares Juramentados e ou Certificados em Inglês ou Alemão, surge à informação que o acadêmico terá que pedir auxílio aos coordenadores ou a Junta Comercial do Estado de Santa Catarina (JUCESC), pois a UFSC não emite tais documentos na tradução do idioma pretendido.

Alguns coordenadores entrevistados sugerem que a UFSC disponha suas grades curriculares tão bem como ementas escritas em português e traduzidas para o inglês. Essa seria uma medida a qual envolve certo trabalho, todavia importante tanto aos acadêmicos brasileiros quanto aos acadêmicos do exterior que tenham vontade de praticar mobilidade no Brasil. E, igualmente, tornar o currículo das universidades brasileiras internacionalizado.

¹⁸ Perguntas Frequentes: Disponível em: <http://sinter.ufsc.br/programa-ciencia-sem-fronteiras/perguntas-frequentes/> Acesso em: 26 jun. 2015.

4.1.4 Seleção dos alunos

Como mencionado, para um acadêmico disputar esta forma de mobilidade deve ter cursado no mínimo 20% e no máximo 90% do seu curso nas universidades brasileiras. Esses 20% equivalem a aproximadamente o primeiro e segundo semestre dos cursos de graduação. Aos coordenadores, as primeiras fases são teóricas e, nos cursos entrevistados, o acadêmico realmente fará disciplinas focadas na área do curso em questão somente a partir da quarta ou sexta fase.

Conforme relatos dos coordenadores na primeira e segunda fase, os acadêmicos ainda estão imaturos em relação à vida acadêmica, às vezes não ingressando efetivamente no curso escolhido e principalmente sem ter um conhecimento substancial em qual área irá atuar em seu curso. Para os coordenadores seria mais interessante se esta forma de mobilidade fosse disponível aos alunos em fases mais avançadas.

Sobre os alunos que possuem 90% do curso já realizado igualmente há incertezas por parte do conhecimento dos coordenadores sobre o CsF. Um coordenador relatou que um acadêmico, o qual já tinha defendido seu trabalho de conclusão de curso, estava tentando participar do programa. O coordenador afirmou que ligou para a SINTER para esclarecimentos se essa situação era viável, tendo a resposta que o acadêmico poderia, sem empecilhos, participar dessa mobilidade. Outro caso acusado foi o não entendimento sobre os estágios praticados no exterior, se eles podem ou não ser validados na UFSC como estágio obrigatório.

No capítulo 4 do manual de candidatura, denominado duração da bolsa, está registrado que os acadêmicos de graduação podem permanecer no exterior entre seis e doze meses, estendendo para no máximo dezoito meses. Este período deve ser dividido entre tempo de estudo e tempo de estágio, declarado como obrigatório para esse programa de mobilidade. A realização do estágio é ainda motivo de dúvidas para os coordenadores, pois ainda não há consenso na UFSC se o estágio no exterior poderá valer ou não como estágio obrigatório dos cursos de graduação desta universidade. Novamente no sítio da SINTER sobre perguntas frequentes fica a cargo do coordenador se o acadêmico pode validar seu estágio no exterior como estágio obrigatório.

Seguido da seleção dos acadêmicos para praticarem essa mobilidade, os coordenadores consideram que somente a seleção de 20% a 90% de curso, se torna pouco eficaz para praticarem essa mobilidade. Como nesse programa os alunos recebem uma quantidade significativa de recurso financeiro alguns dos coordenadores entrevistados sugerem que o mérito acadêmico deveria fazer parte dos critérios de seleção dos alunos. Alguns sugerem como critério o Índice de Aproveitamento Semestral (IA) ou com o Índice Acumulado (IAA), no mínimo com a nota 7,0. Aos coordenadores essa medida seria estratégica para os acadêmicos mostrarem mais interesse nos cursos. Destacamos na fala dos coordenadores onde a meta de 101 mil bolsistas no exterior reflete somente uma quantidade e não a maturidade dos acadêmicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi explorar o campo mobilidade estudantil do programa Ciência Sem Fronteiras, procurando descrever os processos de validação de disciplinas, e os procedimentos para traduzir os históricos escolares. Por meio destas, os coordenadores argumentaram informações não menos importantes como a gerência na seleção dos alunos e a ausência na comunicação entre os coordenadores e a Secretaria de Relações Internacionais (SINTER).

O relato dos coordenadores em relação à validação de disciplinas foi bastante consensual. Embora reconhecendo as dificuldades encontradas pelos alunos ao retornarem (no processo de validação de disciplinas cursadas no exterior) a percepção dos coordenadores é em torno de que o objetivo do programa CsF não está na validação da disciplinas antes a experiência e contato com conhecimentos diferenciados daqueles que estão disponíveis no Brasil.

É importante salientar que quando há a procura pelo coordenador, para pesquisarem quais serão as disciplinas que tenham correspondência e igualmente disciplinas interessantes ao aluno, se torna mais fácil de validá-las. Todavia, para um acadêmico que necessita de poucos semestres para conseguir se formar, a validação é uma forma de aproveitar as horas cursadas no exterior. Igualmente se torna importante ao acadêmico, em seu currículo, citar as disciplinas cursadas fora do país como estratégia para tornar seu currículo mais atraente aos olhos de um futuro empregador. Aqui é possível constatar sobre o interesse econômico, onde Bourdieu descreve sobre o investimento no jogo econômico no momento em que o campo é apropriado por agentes dotados por disposições adequadas e adquiridas pela necessidade do campo. Neste sentido observamos que o Programa Ciência Sem Fronteiras pretende que os acadêmicos pratiquem matérias diferenciadas as dos Brasil para retornarem aos seus cursos e iniciarem uma adequação de currículo nas áreas ditas prioritárias no campo da economia.

Observamos, igualmente, através dos relatos dos coordenadores dos cursos de graduação da UFSC uma notável distancia entre a SINTER e os coordenadores. Por esses relatos fica evidente a necessidade de uma aproximação institucional SINTER/Coordenadores no sentido de vislumbrar alternativas

para os problemas, começando por listar oficialmente os alunos que estão praticando a mobilidade no sítio da SINTER.

Um aprimoramento da burocracia no sentido de documentos formais obrigatórios contendo o nome da mobilidade em que o acadêmico praticará e a assinatura do coordenador seria uma medida indispensável. Embora os documentos existam, as informações ainda são incipientes conforme a fala dos coordenadores: são documentos informais e não oficializados pela UFSC. Outro adendo seria adicionar uma etapa de registro nas secretarias dos cursos de forma a manter uma lista dos alunos que praticam ou já praticaram essa forma de mobilidade.

Até este momento a UFSC não possui em sua instituição documentos internacionalizados como ementas e disciplinas dos cursos de graduação traduzidos para o idioma inglês. Fator importante o qual adiciona dificuldades para os acadêmicos no momento de enviar seus documentos para a instituição ao qual foi contemplado com uma bolsa de mobilidade. O acadêmico na atual situação tem que procurar o auxílio da Junta Comercial do Estado de Santa Catarina (JUCESC), ou do coordenador do curso, ele o fará “gentilmente”, como descrito no sítio da Secretaria de Relações Internacionais (SINTER).

A seleção segundo méritos acadêmicos é um ponto enfatizado nos discursos dos coordenadores. Os coordenadores entrevistados, então, sugerem que o aluno seja selecionado no programa CsF, com Índice de Aproveitamento Semestral (IAA) com mínimo de 7,0.

Na visão dos coordenadores o programa CsF é uma oportunidade relevante de mobilidade. Este programa ainda possui algumas falhas como mencionado pelos coordenadores na seleção dos acadêmicos, na comunicação entre a UFSC e a SINTER e na tradução das suas ementas e disciplinas na universidade da UFSC. Todavia, os coordenadores declaram que essa mobilidade não se reduz a uma experiência de sala de aula, os acadêmicos têm a oportunidade de contato com culturas diversas, conhecer outras pessoas com experiência de vida diferente da sua. É importante destacar como os coordenadores relativizam o problema da validação face ao quesito experiência no exterior. Por outro lado igualmente é importante destacar a necessidade de melhor afinamento entre os órgãos responsáveis pela mobilidade e a coordenação dos cursos no Brasil.

5.1 TRABALHOS FUTUROS

Em trabalhos futuros pretendo questionar os acadêmicos desta universidade visando fazer um levantamento do perfil socioeconômico dos contemplados com as bolsas do CsF. Procurarei avaliar o Inglês Sem Fronteiras (IsF) do ponto de vista dos acadêmicos que usufruíram deste programa de idiomas. Pretendo, igualmente conversar com o responsável pela coordenação do programa CsF na SINTER no sentido de esclarecer o processo de seleção dos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mário L. Neves. A integração dos Sistemas de Educação Superior na Europa: **de Roma a Bolonha ou da Integração Econômica à Integração Acadêmica**. In: Anais 29ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu: v.1. p.1-18, 2006.

BRASIL. **Decreto n. 7642**, de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm> Acesso em: 5 maio 2014.

_____. Programa Ciência Sem Fronteiras. **Metas**. Brasília, 2011a. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/metas> Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. Programa Ciência Sem Fronteiras. **Painel de Controle**. Brasília 2011b. Disponível em <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle> Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. Programa Ciência Sem Fronteiras. **Mensalidades**. Brasília, 2011b. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/valores-de-auxilios-e-bolsas> Acesso em: 11 maio 2015.

_____. Programa Ciência Sem Fronteiras. **Manual de Candidatura**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=2786a5fd-93e2-4eff-a069-a2448fc5ed11&groupId=214072 Acesso em: 25 jun. 2015.

_____. Programa Ciência Sem Fronteiras. **Manual de Candidatura**. Brasília, 2011. Disponível em: Manual para Bolsista Graduação Sanduíche. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/4544774/Manual-do-Bolsista-CsF-Graduacao-Sanduiche1102013.pdf> Acesso 27 jun. 2015.

_____. Câmara dos Deputados, disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/CIENCIA-E-TECNOLOGIA/466538-COMISSAO-ESPECIAL-APROVA-CODIGO-NACIONAL-DE-CIENCIA-E-TECNOLOGIA.html>
Acesso em: 17 jun. 2014.

BRENHA, Heloisa. **Ciência Sem Fronteira prevê 21,5 mil bolsas para pós no exterior em 2014.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, Jan. 2014. Disponível em <http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/2014/01/1402362-ciencia-sem-fronteiras-preve-215-mil-bolsas-para-pos-no-exterior-em-2014.shtml> Acesso em: 14 nov. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Os excluídos do interior.** Escritos da Educação. RJ: Vozes, 2005.

_____. Classificação, desclassificação, reclassificação. Escritos da Educação. RJ: Vozes, 2005

_____. Os três estados do capital cultural. Escritos de Educação. RJ: Vozes, 2005

_____. Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução: Deixé Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP; 2004.

_____. O campo econômico. Política e Sociedade. Revista de Sociologia Política, vol. 1, nº6, 2005^a.

CASTRO, Alda A; NETO, Antônio C. **O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina.** Revista Lusófona de Educação, n.21, p. 1-15, 2012.

CASTRO, Claudio de M.; HÉLIO, Barros; ITO-ADLER, James; SCHWARTZAN, Simon. **Cem Mil Bolsistas no Exterior.** Interesse Nacional, São Paulo, ano 5, n.17, p. 25-36, abril/junho 2012.

COSTA, Fernando N. **Ciência Sem Fronteira: Prioridade Face a Recursos Escassos.** **Cidadania & Cultura.** [online]. 2014. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/07/02/ciencia-sem-fronteira-prioridade-face-a-recursos-escassos/> Acesso em: 15 ago. 2014.

LANDONI, Paolo; BARUFFALDI, Stefano H. **Return mobility and scientific productivity of researches working abroad: The role of home country linkages.** Elsevier, Researchpolicy, 1655-1665, 2012.

MATTOS, Marcela. **MEC veta bolsas do Ciência Sem Fronteiras em Portugal.** Revista Veja Brasília, Abril. 2013. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/mec-veta-bolsas-para-alunos-do-ciencia-sem-fronteiras-em-portugal> Acesso em: 10 out.2014.

MORAES, Fernando T. **Falhas do Ciência Sem Fronteiras são custo do aprendizado, diz ministro.** Folha de São Paulo, São Paulo, Abril. 2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/04/1445874-falhas-do-ciencia-sem-fronteiras-sao-custo-do-aprendizado-diz-ministro.shtml> Acesso em: 10 out. 2014.

MOROSINI, Marília C.; BERTINATTI, Nicole; GOLEMBIEWSKI, Luan. **Internacionalização e Permanência na Educação Superior: um olhar voltado para o Ciência Sem Fronteiras (CsF).** In: Conferencia Latino Americana sobre el Abandono em la Educacion Superior. Anais III CLABES. 2013.

SILVA, Richéle T. de Passos. **Política de Incentivo a Formação de Pesquisadores: Reflexões sobre o Programa Ciência Sem Fronteiras.** Caxias do Sul.:Anais do IX ANPED SUL, 2012, 16 p.

SÓNIA, Sílvia. **Mobilidade Acadêmica nos programas comunitários de apoio ao ensino superior a circulação ao serviço do desenvolvimento.** Millenium, v.2, p. 1-13, 1996.

SOUZA, José M.S. Junior. **A Internacionalização e a Mobilidade na Educação Superior: o debate na América Latina.** Revista de Iniciação Científica da FFC, vol. 10, n.2, p.1-15, 2010.

SOUZA, Irineu Manoel; FELIPPE, Samuel. **Gestão do Conhecimento na Gestão Pública: Desafios do Programa Ciências Sem Fronteiras.** Práxis Educacional, Vol. 9, Nº 14, p.125-144, 2013.

STALLIVIERI, Luciane. O Processo de Internacionalização nas Instituições de Ensino Superior. Educação Brasileira, Brasília, v.24, n. 48-49, p. 35-57, 2003. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/268012740_O_PROCESO_DE_INTERNACIONALIZAO_NAS_INSTITUIES_DE_ENSINO_SUPERIOR Acesso em: 27 ab. 2015.

STROMQUIST, Nelly P. **Educação Latino-Americana em Tempos Globalizados.** Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 14, n.29, p. 72-99, jan/abr2012.

TEICHLER, Ulrich. **The Changing debate on Internationalization of higher education.** Higher Education, n.48, p. 5-46, 2004.

TOKARNIA, Mariana. **Governo suspende bolsas do Ciência Sem Fronteiras para Portugal.** Empresa Brasileira de Comunicação – EBC. [online]. 2013. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/04/governo-suspende-bolsas-do-ciencia-sem-fronteiras-para-portugal>> Acesso em: 25 set. 2014.

BARRETO, R. P, SILVA, P, H, O; BEZERRA, M, G, A; JESUS, M, S, F; AZEVEDO, M. A. **Análise Política Quanto à Eficiência do Programa Ciências Sem Fronteiras: Relatos IFRN e UFRN.** Anais do IX CONGIC, p.2240-2248, 2013.

UNESCO. A Educação Superior no Brasil (Porto Alegre, RS). Maria Estela Dal Pai Franco. **Globalização, internacionalização e cooperação interinstitucional.** IES/2002/ED/PI/11, nov. 2002. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139317por.pdf> Acesso em: 05 mar. 2015.

WIELEWICKI, Hamilton de Godoy; OLIVEIRA, Marliza Rubin. **Internacionalização da Educação Superior:** processo de Bolonha. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Scielo, v.18, p. 215-234, 2010.

APÊNDICE A – Pesquisa Exploratória

Editar este formulário

Pesquisa Ciência sem fronteiras

Sou estudante da UFSC e estou começando um projeto de pesquisa sobre o Ciência Sem Fronteiras, O objetivo é conhecer as perspectivas do aluno da UFSC que tiveram e estão tendo essa experiência. Com isso, peço que respondam o mais sinceramente possível. Obrigada

1. Onde estudou no ensino fundamental e médio (pública ou privada)?

2. Você acha que a língua estrangeira estudada no colégio foi suficiente para aprender outra língua? Já fez cursinho em alguma instituição de línguas estrangeiras? Qual e por quanto tempo?

3. Qual faculdade esta cursando, ou qual esta formado? Faz Mestrado ou Doutorado?

4. Como e quando decidiu pelo CsF? Em que ano viajou e quanto tempo ficou fora do Brasil?

5. Já teve alguma experiência no exterior antes do CsF?

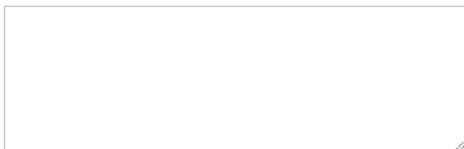
6. Qual país optou e por quê?

7. Como foi seu ingresso no CsF?

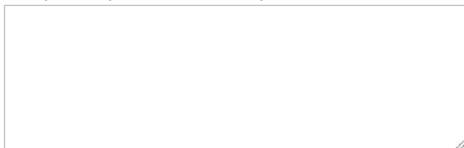
8. Teve ajuda de algum orientador para ingressar em uma faculdade no exterior pelo CsF?

9. Tinha, antes de viajar pelo CsF, alguma bolsa? Qual? Ainda tem

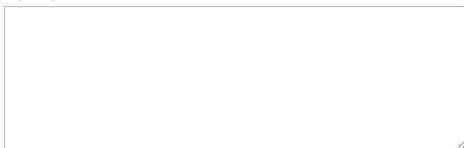
10. Quais foram às dificuldades antes de embarcar?



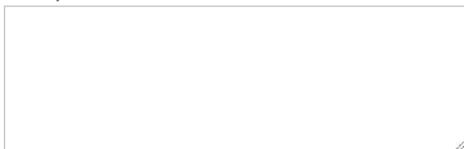
11. A prova de proficiência foi difícil para você?



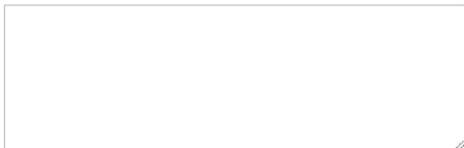
12. Como foi recepcionado pelo país ou como esta sendo recepcionado escolhido? Sentiu algum preconceito ao fato de ser brasileiro?



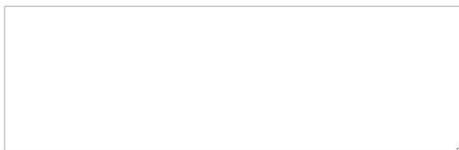
13. Qual diferença notou no comportamento das pessoas e da cultura local ou qual diferença esta notando?



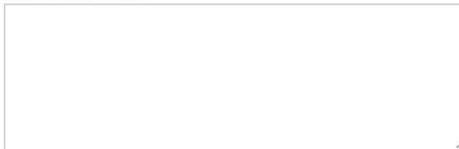
14. Seu dia-dia no estrangeiro foi muito diferente do que estava acostumado no Brasil, ou é muito diferente?



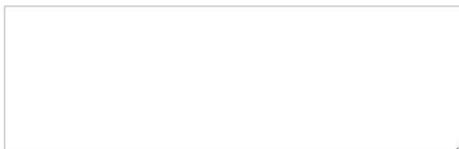
15. Sentiu diferença no nível intelectual muito grande nas aulas e sobre os seus colegas comparando-os com o Brasil, ou sente essa diferença se ainda esta fora do Brasil?



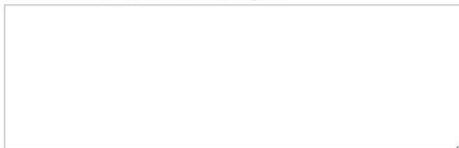
16. Os laboratórios são melhores que os do Brasil? Pergunta para quem ainda não voltou e para quem já voltou.



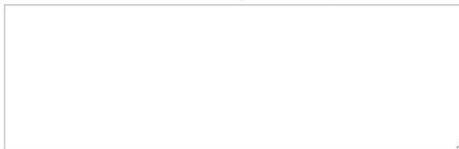
17. O laboratório da UFSC tem suporte para aplicar o que estudou ou o que esta estudando?



18. Conseguiu validar as disciplinas que fez fora aqui no Brasil no currículo do seu curso? Se a resposta for não, por quê? Para quem não voltou, pode relatar se a disciplina que esta fazendo tem no seu currículo de origem.



19. Quais as diferenças nos métodos de ensino? Mais/menos teoria, prática, bibliografia muito diferente? Mais/menos tempo de estudo, de biblioteca?



20. Você pretende trabalhar no Brasil? Por que? Se não, por quê?

21. O que estudou com o CsF conseguirá aplicar aqui no Brasil? Por que? Para quem não voltou, pode relatar se pensa que conseguirá trabalhar com o que esta estudando lá fora e por que.

22. Parte em que o aluno escreve o que quiser sobre o CsF

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Powered by

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

APÊNDICE B – Pesquisa com Coordenadores dos Cursos da UFSC

[Editar este formulário](#)

Pesquisa Sobre o Ciências Sem Fronteiras

Este questionário é parte de um estudo sobre o Programa Ciências Sem Fronteiras (CsF), no âmbito de trabalho de conclusão de licenciatura (TCL), realizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), do curso de Ciências Sociais. A intenção desta pesquisa é contribuir para entender alguns aspectos específicos do CsF, tais como: processo de validação de disciplina, e o requisito de um segundo idioma.

*Obrigatório

Coordenador(a) de qual curso de graduação? *

- Ciências Biológicas
- Enfermagem
- Farmácia
- Fonoaudiologia
- Odontologia
- Medicina
- Nutrição
- Química
- Física
- Matemática
- Ciências da Computação
- Sistemas de Informação
- Design
- Arquitetura e Urbanismo
- Eng. Química
- Eng. Sanitária e Ambiental
- Eng. Civil
- Eng. de Controle e Automação
- Eng. de Materiais
- Eng. de Produção e Sistemas
- Eng. Elétrica
- Eng. Eletrônica
- Eng. Mecânica
- Eng. de Alimentos
- Outro:

Como se dá o processo (exigências e dificuldades) para um aluno de graduação participar no programa CsF? *

Como se dá a escolha do país em que o graduando irá? Em âmbitos gerais, qual é o vínculo da UFSC com a universidade do país escolhido? Como são selecionadas as disciplinas que o graduando irá realizar na universidade escolhida? *

Dar exemplos de tipos de vínculos, exemplo: Na universidade do país X o vínculo com a UFSC é Y. Na parte de orientação para seleção de disciplinas, dê exemplos de como ocorreu a orientação.

Quais são os procedimentos na UFSC para o aluno validar as disciplinas realizadas fora do país através do programa CsF? *

Para os graduandos que não possuem segundo idioma e gostariam de participar do programa CsF, quais são as diretrizes do programa frente a esses casos? O programa CsF disponibiliza cursos de idiomas? Se sim, quais são os procedimentos que devem ser realizados pelos graduandos? *

Como o senhor(a) coordenador(a) do curso avalia o programa CsF? Quais seriam as possíveis melhorias do programa? *

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Powered by

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

5		
6		
7		
8		
9		
4. Academic Recognition/Disciplinas Equivalentes na UFSC		
	Course Code /Código	Course Title /Nome de disciplina
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		

Student's signature/Assinatura do estudante:

Date and Place/Local e Data:

UFSC	
We confirm that the proposed programme of study/learning agreement is approved by (<i>Confirmamos que o contrato de estudos proposto é aprovado por:</i>)	
Academic Coordinator's (who guarantees academic validity) signature and stamp/ <i>Coordenador do Curso (que garante o reconhecimento acadêmico) (assinatura e carimbo)</i>	Responsible for Outgoing Exchange Students <i>Responsável pelo intercâmbio de estudantes da UFSC (assinatura e carimbo)</i>
Name/Nome:	Name/Nome: Giovana Redel
Date and Place/Local e Data:	Date and Place/Local e Data:
HOST INSTITUTION	
We confirm that this proposed programme of study/learning agreement is approved.	
Departmental coordinator's signature and stamp	Institutional coordinator's signature and stamp
Name:	Name:
Date and Place:	Date and Place:

ANEXO B – Sistema de Avaliação da UFSC



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE
 CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
 TELEFONE: (048) 3721-6406
 E-MAIL: csf@contato.ufsc.br

TO WHOM IT MAY CONCERN

The evaluation system of the Universidade Federal de Santa Catarina comprehends the following:

Grades range from 0 (min) to 10 (max) and passing grade is 6.
 Attendance of at least 75% of classes is mandatory for approval in each course.

The Transcript of Records may present the following information:

- (I) = Incomplete
- (Rv) = Revalidated Course
- (FS) = Satisfactory Attendance (min 75%)
- (FI) = Failed for Insufficient Attendance
- IA = Achievement Index for the Semester (Semester Average Grade)
- IAA = Accumulated Achievement Index (Total Average Grade)
- IAP = Achievement Index for Courses Successfully Completed
- H/A = Hours for each course
- (Ob) = Mandatory Courses
- (Op) = Optional Courses



Ciência sem Fronteiras

SINTER / International Affairs Office